

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE S. PAULO
 Av. Eng.º Caetano Álvares, 55 — 856-2122 (PABX) — CEP 02598
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01051 SP — E. Telegráfico ESTADO
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

25 MAR 1991

JORNAL DA TARDE

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
 Ruy Mesquita
 César Tácito Lopes Costa
 José M. Homem de Montes
 Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho
 Diretor de Redação
 Fernão L. Mesquita
 Editor Chefe
 Celso Kirjô

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto
 Diretor Comercial
 Orlando Marques
 Diretor Agência Estado
 Rodrigo L. Mesquita

Quem quebrou o País?

Pela primeira vez na História do Brasil, e provavelmente na História Universal, um presidente da República proclama abertamente, sem subterfúgios, que seu país está quebrado. “Sabia que a situação econômico-financeira do Brasil era difícil, mas não imaginei que fosse tamanha a sua gravidade” — disse o presidente Collor ao governador do Amapá, Aníbal Barcelos, que foi procurá-lo no Palácio do Planalto em busca de ajuda para seu Estado.

E a maior parte da responsabilidade por essa quebra, como acentuou o presidente, é dos Estados da federação. À exceção do Paraná, do Ceará e do Espírito Santo, eles “estão totalmente falidos”. Os números do comportamento do déficit público no ano passado comprovam este fato: enquanto o governo federal, na administração direta, conseguiu realizar um superávit de 2,4% do PIB, os Estados e municípios fecharam suas contas com um rombo de 0,4% do PIB. A situação é tão calamitosa que a maior parte dos novos governadores empossados há dez dias já decretou uma moratória unilateral de seus débitos.

No mesmo dia em que os jornais traziam essa declaração do presidente da República, o jornal *Gazeta Mercantil* publicava uma ampla entrevista com o deputado Ulysses Guimarães na qual o agora ex-presidente do PMDB definia o futuro de seu partido: “Se a sociedade muda, nós temos de mudar. (...) aumentou a fome, que é uma desgraça para este país. Aumentou o desemprego, a inflação, o número de analfabetos. E o nosso partido é um instrumento, um veículo, um caminho para que a sociedade seja redimida de todas essas doenças, percalços e infelicidades”.

O eleitor poderá perguntar: o que tem a ver a confissão do presidente Collor com a entrevista do dr. Ulysses? Tem tudo a ver. Se o Brasil está hoje praticamente quebrado, o responsável foi o PMDB. Desde 1985 quem mandou no País foi ele. Primeiro, com o dr. Ulysses pressionando o presidente Sarney, impondo suas vontades e nomes de sua confiança para o governo; com suas múltiplas presidências, o dr. Ulysses teve mais poderes na “Nova” República do que o próprio Sarney. Depois, com os governadores peemedebistas da safra de 1986, que tomaram de assalto 22 Estados no bojo do criminoso estelionato eleitoral patrocinado pelo Plano Cruzado.

Portanto, a falência do Estado brasileiro em todas as suas esferas — municipal, estadual e federal — é uma obra com a griffe do PMDB.

Não obstante, os peemedebistas, como fez o dr. Ulysses na entrevista à GM, ainda se atrevem a dizer que o PMDB é um partido moderno e que irá se reestruturar para assumir a vanguarda das transformações políticas, sociais e econômicas que o Brasil exige. Pobre Brasil! Na verdade, o PMDB nada mais é do que uma reedição do velho PSD, que foi uma autêntica escola de cartorialismo, de fisiologismo e de tudo que há de pior na “cultura política” brasileira, e do qual o dr. Ulysses foi um dos mais destacados líderes.

Hoje, esse PMDB, numa demonstração de que se recusa a mudar e vai continuar sendo o que sempre foi, passou a ser comandado pelo sr. Orestes Quêrcia, a quem o dr. Ulysses passou o bastão de cacique peemedebista. E Quêrcia é realmente talhado para essa tarefa. Ele já anunciou que iniciará imediatamente uma campanha de fortalecimento do PMDB — na verdade, o fortalecimento de sua candidatura à Presidência da República — e que pretende eleger pelo menos 2 mil prefeitos nos quase 5 mil municípios brasileiros nas eleições do ano que vem.

Se isso acontecer, estará completada a tragédia de destruição da economia brasileira tão minuciosamente executada pelo PMDB. O ex-governador paulista estará em condições, então, de exportar para todo o País e disseminar nacionalmente, das grandes cidades aos pequenos vilarejos, o que chamamos em outro editorial de **padrão Quêrcia** de administração da coisa pública.

Infelizmente, porém, esse contraste vai servir para exacerbar ainda mais o orgulho patriótico de nossos políticos terceiro-mundistas: nós vamos ficando cada vez mais pobres, nossos níveis de miséria se aprofundam a cada dia que passa, mas em compensação ninguém é mais soberano do que o Brasil. A fome é nossa! Enquanto isso o governo de Varsóvia se dobra servilmente diante do imperialismo capitalista internacional para conseguir melhores condições de vida para seu povo.